CRIANÇAS, INFÂNCIAS, NATUREZA, BRINCADEIRAS E LIBERDADE: REFLEXÕES ACERCA DO BRINCAR AO AR LIVRE NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Quézia Rafaela M. Sousa (UFCG)[1]
Wanessa Maciel F. Lacerda (UAEB/Cap/UFCG)[2]

Nas últimas décadas, no Brasil, o lugar do brincar e como ele vem sendo desenvolvido dentro e fora das salas de referência têm suscitado debates e preocupações, possibilitando que as crianças tragam, por meio das brincadeiras, fatos que as constituem enquanto sujeitos históricos e culturais. Dessa forma, dada a sua relevância, o brincar apresenta-se como eixo estruturante da Educação Infantil, junto às interações, assim como preconizado nas DCNEIS (BRASIL, 2010). É uma forma particular de comunicação pela qual podem agir, tomar suas decisões, transgredir, recriar, ressignificar, imaginar e tantas outras possibilidades; ou seja, por meio do brincar, a criança se expressa e conhece o mundo e, muitas vezes, subverte-o criando suas próprias construções e significados, forjando suas culturas infantis (CORSARO, 2011). Nessa perspectiva, as instituições de Educação Infantil apresentam-se como um importante lugar no qual as crianças podem vivenciar o brincar, tendo em vista que, como seres que se desenvolvem por meio das brincadeiras, não delimitam espaço ou tempo para desfrutarem dessa forma de comunicação. O espaço escolar é, portanto, potencializador de aprendizagens que estão para além de um currículo acadêmico. Tal fato vincula-se também à indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança (DCNEI, 2010, p. 19).Entretanto, o espaço do brincar nas instituições ainda é marcado por incertezas e contradições. Embora esteja consolidado como um direito das crianças, presente nos documentos normativos, muitas vezes é reduzido a um "passatempo" ou mera recreação. Em outros momentos, é visto de forma pedagogizante, sendo considerado apenas um momento de aprendizagem de regras e limites, o que impõe barreiras à expressividade infantil e retira as múltiplas possibilidades que o brincar oferece às crianças.Apresentamos como referencial: Dubovik (2018), Kishimoto (2019), Borba (2009), Benjamin (1984), dentre outros.Com o objetivo apresentar reflexões acerca da brincadeira e do brincar com e na natureza para as

[1] Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande - queziarmsousa@gmail.com
[2] Pedagoga e mestre em Educação pelo Programa de Pós- graduação em Educação (UFCG). Professora EBTT na UAEB/CAp - wanessa.maciel@professor.ufcg.edu.br

crianças da Educação Infantil. Quanto aos aspectos metodológicos, fundamenta-se em um estudo bibliográfico sobre o tema, subsidiado pela leitura de referenciais que sobre ele se debruçam. Tomamos por base a brincadeira enquanto linguagem da criança e o jogo simbólico ou faz-de-conta como uma ferramenta para a criação da fantasia que abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos, bem como para aprender as regras sociais (KISHIMOTO, 2019). Destacamos que a brincadeira possibilita a interligação de funções cognitivas, tais como motricidade, memória, linguagem, dentre outros; cria condições para uma transformação da consciência infantil; auxilia a criança na comparação das características dos objetos, seu funcionamento, na consciência de novas possibilidades de ação e formas inéditas de arranjar os elementos do ambiente, na ação criativa, na vinculação entre imaginação e emoção, dentre outros aspectos (OLIVEIRA, 2002). Nesse sentido, defendemos a importância do corpo, do movimento e do estar ao ar livre nessas experiências e como tais aspectos são revelados no cotidiano das crianças nas instituições de educação formal, nos momentos de brincadeira. Diante disso, é importante que os educadores tenham um olhar atento e sensível para reconhecer que o brincar sem uma finalidade específica é tão importante quanto o brincar direcionado. Para isso, é essencial que seja possibilitado às crianças tempo – não o tempo cronológico, demarcado pelos 20 minutos de recreio, mas tempo no qual elas consigam pensar, criar, fazer e acontecer, e, quando necessário, refazer. Junto a essa percepção, trazemos o convite a encontrar o quintal da escola, por meio da liberdade e da facilidade de desenvolver brincadeiras com materialidades da terra, com aquilo que nos conecta em essência à natureza que de acordo com Meirelles, no documentário "Diálogos com a escola: Território do Brincar" (2016), exigem uma ação interna para brincar, potencializam o criar, imaginar, experienciar, negociar e resolver, enquanto a natureza sugere brincadeiras e o brinquedo industrializado é sempre igual. Para além dos materiais dispostos, as crianças têm o seu corpo como aliado e mediador de brincadeiras, utilizando-o de diversas formas no ato de brincar. Diante disso, conseguem mostrar sua potência criativa e nos convidam à contemplação, seguido de um distanciamento necessário do adulto, como um convite para contemplarmos com um olhar atento e aguçado a forma como as crianças estão realizando suas representações. Essa visão é defendida por Benjamin (1984), quando suscita reflexões acerca da importância do respeito ao território do brincar infantil, já que a experiência infantil do brincar permanece em nós como fonte de compreensão e de sentido de nossa existência. Ainda no documentário citado (2016), as pesquisadoras afirmam que o momento do brincar da criança é um tempo de olhar e entender o que estão fazendo e dizendo, sem verbalizar explicitamente. Segundo elas, o olhar atento para o que o corpo fala é elemento fundamental para a escuta ativa das crianças, que, embora muitas

vezes ainda não verbalizem, corporalmente nos dizem tudo. De acordo com Brougère (2019), as concepções do brincar são construções atreladas às representações de criança em cada época, sendo uma ferramenta cultural. Para este autor, o brincar é uma atividade genuinamente infantil, portanto é por intermédio da aproximação da criança com seus pares e com a cultura na qual está inserida que a transmissão do brincar pode garantir seu lugar. Lugar que não deve ir de encontro à sua pedagogização, mas caminhar para a riqueza de suas inúmeras possibilidades de existência (BROUGÈRE, 2019). Nas interações brincantes, cada criança evidencia sua forma de ser e estar no mundo. Viabilizar que as crianças brinquem com o que desejam, e não apenas se limitem ao que o adulto tem como padrão dentro de si, é um desafio, pois isso se torna um chamado ao recolhimento do mediador, para oportunizar que as crianças tenham a possibilidade de pensar e sonhar, ao mesmo tempo em que elas nos ensinam como fazer educação a partir do brincar. No que tange às brincadeiras nos espaços externos, vale destacar a relevância do contato com a natureza, com elementos naturais e materiais não estruturados, que colaboram com o poder imaginativo e a criatividade das crianças, permitindo-lhes criar repertórios diversos. Corroboramos com o pensamento de Dubovick e Cippirelli (2018), ao defender a importância do espaço externo enquanto lugar que suscita "um universo infinito de possibilidades" (p. 40). Para as autoras:

> No espaço entendido como externo, as crianças têm múltiplas oportunidades de ação, de socialização, de experimentar outras habilidades motoras, de brincar e construir com outros materiais (terra, areia, barro, caracóis, galhos, paus, plantas, poças de água) e, ao mesmo tempo, observar e viver as diferentes mudanças climáticas (chuva, calor, vento, frio) e a mudança de estações, que muitas vezes condiciona os tipos de construção e a virtude do material existente nessa estação (p. 40).

Sendo assim, investir nos elementos naturais surge como uma possibilidade potencializadora de aprendizagens, já que esses elementos trazem um fio de conexão entre o que tocamos e o que somos; afinal, o homem também é natureza. Diante disso, possibilitar o contato direto das crianças com os elementos naturais permite que as memórias pré-instaladas sobre quem nós somos se conectem com o que há de mais belo e primitivo. Os estímulos sensoriais unem a descoberta à criatividade, deixando assim marcas na memória. Ao final, temos um encontro feliz entre as infâncias, a natureza e as múltiplas possibilidades. Concluímos o nosso texto com

as palavras de Kishimoto (2019), quando ressalta que o brincar é a atividade principal do dia a dia e é importante porque dá à criança o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens.

Palavras-chave: Brincar. Natureza. Liberdade. Linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. *In:* KISHIMOTO, Tizuco Morchida. (Org.). et.al. O brincar e suas teorias. São Paulo: Cencage Learning, 2019.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância 2**. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIÁLOGOS com a escola. Direção de Ana Cláudia Arruda Leite, Renata Meirelles, Roberta Rodrigues Alves, Sandra Eckschmidt, março 2016.

DUBOVIK, Alejandra; CIPPITELLI, Alejandra. **Construção e Construtividade:** Materiais naturais e artificiais nos jogos de construção. São Paulo: Phorte, 2018. (Coleção Experiências na Educação Infantil).

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. (Org.). et.al. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Cencage Learning, 2019.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.